

Comprou meu Cigarro?!***Valdir Specian**

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutor em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Dizem que aconteceu quando ela tinha por volta de 17 anos, nessa conta já se passaram cerca de 72 anos.

Como era a vida no interior do Brasil no começo dos anos 1950? O esforço para superar as barbáries da guerra, terminada pouco anos antes, também atingia esse interior distante. A guerra permitiu desenvolver tecnologias para matar e para outras coisas. A televisão chegava ao Brasil, não necessariamente a uma família pobre do interior do Mato Grosso do Sul. Nessa época eles ainda moravam na fazenda, o pai era meeiro. A mãe e as irmãs cuidavam dos afazeres da casa e da costura, os irmãos na lida com o pai.

Os filhos mais velhos se desgarravam da vida dura no campo buscando oportunidades na cidade. Meeiro não indica necessariamente que terá metade do que produziu, depende das circunstâncias. O sujeito trabalha para o patrão e na sobra de tempo, quando sobra, produz para ele e para a família. Dessa produção, metade é do patrão. Aos 17 anos, Juma, apelido que recebeu mais tarde, enlouqueceu! Maldade de alguém?! Trabalho de pessoa malvada, alguém que não gostava de sua mãe?! Histórias de um sertão distante.

A doença de Juma fez toda a família se mudar, o pai vendeu o pouco gado que tinha, umas poucas cabeças, e migrou para a cidade.

Comprou uma pequena casa, rodeada por um grande lote, ao fundo passava um córrego que vem lá do quartel.

Nessa época, Juma melhorou, os delírios e alucinações diminuíram. Mas não havia quem pudesse dizer como sarar.

A busca pela cura foi grande. De uma religiosa, a mãe de Juma ouviu um recado, “*não volte para a fazenda, o mal que acometeu Juma está lá.*”

A mãe de Juma, a irmã Maria e todos os outros filhos/filhas voltaram à fazenda, uma nova tentativa, a condição dura da fazenda ainda era melhor que na pequena cidade. Crendice não abalava a matriarca, mulher de muita fé.

Passado pouco tempo após o retorno para a fazenda, Juma novamente deixou aflorar seu nervosismo e alucinações.

A mãe desobedeceu ao recado, o mal estava lá. Uma nova mudança, agora já não tinha gado para vender.

A casa na cidade esperava por todos. Os anos foram passando e a lógica da casa era simples. A matriarca, mulher firme, cuidava de todas as ordens, Maria, a filha solteira, cuidava de todo o resto: dos afazeres domésticos da casa; dos sobrinhos; irmãos e irmãs e, especialmente, de Juma, cuja suficiência ficará comprometida pela doença que hoje seria facilmente diagnosticada e tratada, mas não no interior de Mato Grosso do Sul naquela época. Esquizofrenia, doença caracterizada por sintomas psicóticos, que incluem delírios, alucinações, pensamento e fala desorganizados e comportamento bizarro e inadequado. Os sintomas psicóticos envolvem uma perda do contato com a realidade.

Juma apresentava tudo isso e muito mais. Remédios, até uma prisão para controlar sua fúria momentânea ocorreu.

Ela que dialogava com pessoas invisíveis para outros, a mulher preta vestida de branco e o homem branco vestido de preto – seus amigos.

Juma fora tratada como louca! Apesar disso, algumas tarefas foram sendo endereçadas para ela. O café de todos os dias é ela que faz, sempre do mesmo jeito – 8 colheres de pó e dez de açúcar – não importa quantas pessoas, o diabetes da família, etc. Essa é a receita.

Cuida de arrumar a mesa para o almoço no mesmo horário diário, não importa se está chovendo ou não, como ou sem goteiras sobre a mesa.

Sua suficiência permite isso. É o bastante! Às 14h horas, após sestar, é hora de aquecer a água do mate – todos os dias, dia após dia.

Juma aquece a água, prepara a cuia do mate e chama todas, e quem estiver na casa, para tomar mate fervendo.

Ela ajeita as cadeiras em roda, arruma o banco da chaleira e a cuia é passada de mão em mão.

Apesar da idade, sua locomoção é ágil, seu riso é fácil. Um dia lendo os dizeres de uma embalagem foi surpreendida por uma sobrinha

– “*uai tia, a senhora sabe ler?*” “*é lógico que eu sei ler*” – um leve sorriso maroto....

Essa é Juma, uma senhora, uma idosa, assistida pela aposentadoria por invalidez – uma ofensa diante de suas competências, uma mulher que de forma abrupta viu sua vida se transformar na adolescência.

Para Juma, banho é prioridade apenas nos sábados e em dias de festa. Na casa com as irmãs, Maria e Lucinha, igualmente idosas, ela tem o papel da companhia, de alguns cuidados, ela tem suas suficiências. Não exige quase nada, nunca teve nenhum controle do dinheiro pago pelo governo. No seu cotidiano, em seu mundo reservado, apenas pede frango e macarrão aos domingos e nas vezes que as pessoas que controlam o seu dinheiro saem a rua, ela pergunta, “*comprou meu cigarro?!*”

■ ■ ■

Nota: *Continuação de minha crônica “[Meia Listrada](#)”

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.